

ESCRITA E HISTÓRIAS DE TOXICOMANIAS

Sandra Djambolakdjian Torossian¹

RESUMO

O presente artigo se constrói na interface entre reflexões sobre a escrita e a temática da subjetividade. Para isso, apresenta-se uma análise realizada a partir de textos escritos por pessoas que sofrem de toxicomanias durante seu processo de tratamento. Nesta trajetória, traçam-se algumas considerações sobre a noção de subjetividade para a Psicanálise, discutindo o entrelaçamento entre o processo de escrita e a construção subjetiva. Focalizam-se, ainda, as possibilidades de invenção de subjetividade tendo a escrita como um dos possíveis dispositivos de tratamento.

Palavras-chave: Escrita. Leitura. Toxicomanias. Dispositivo terapêutico. Subjetividade.

As toxicomanias, tomadas como um sintoma dominante da sociedade contemporânea, por apresentar um excesso do ideal consumista e individualista, desafiam vários segmentos e atores sociais na busca de soluções. Diferentes estratégias vêm sendo construídas, buscando amenizar os efeitos dessa problemática. Estratégias que abrangem um leque no qual se encontram desde políticas de gestão pública até iniciativas grupais e individuais.

A escrita enquanto recurso terapêutico constitui um campo de pesquisa novo que tem se desenvolvido especialmente na França (NUNES, 1999). Tomando a escrita como ato inaugural (MARQUES, 2001), apresentamos esse recurso como possibilidade de trabalho perante a problemática da toxicomania, na qual o sujeito parece “dessubjetivar-se”. A droga situa-se num lugar substituto da história subjetiva (DJAMBOLAKDJIAN, 2002, LE POULICHET, 1990).

Trazemos, neste texto, recortes de um estudo que focou o processo de escrita como um dos recursos terapêuticos utilizados com pessoas que sofrem de toxicomanias. Tomando-o na sua dimensão simbólica, apontamos para a potencialidade da escrita enquanto dispositivo de retomada e invenção de novas configurações subjetivas (NUNES, 1999; MACHADO, 1997, MARQUES, 2001).

O trajeto de leitura que propomos inicia-se com um breve *flash* sobre o entendimento da subjetividade a partir das contribuições da Psicanálise, amplia

das com as idéias de autores mais recentes, e segue com a interface produzida entre a temática da subjetividade e do processo de leitura-escrita. Finalizamos com o entendimento das toxicomanias, nessa perspectiva epistemológica, e com as conclusões do nosso estudo.

SUBJETIVIDADE E PSICANÁLISE

Uma das vias de constituição subjetiva, apontadas pela Psicanálise, inclui a leitura realizada pelos pais, familiares e outros cuidadores da criança em relação ao seu desejo por essa criança, bem como o processo ativo de cavoucar esse desejo que as crianças realizam em relação ao outro. Trata-se de uma leitura subjetivante que constrói as primeiras referências a partir das quais outras poderão ser construídas. A criança e seus pais constroem, um *com* o outro, desejos que serão referências para a filiação, a paternidade e a maternidade. A construção subjetiva, que inclui a criança *com* o outro, é destacada por Rodulfo (2004) quando aponta haver na psicanálise uma tendência a enfatizar o processo de constituição psíquica somente a partir do olhar dos pais em relação ao filho, colocando a criança numa posição de passividade.

Jacques Lacan (1954-55), ao reler o conceito freudiano de sujeito, destaca a noção de sujeito dividido. Um sujeito clivado, dividido pelo efeito da linguagem. Um sujeito submetido à arbitrariedade da língua. Barthes (1997) aponta para essa arbitrariedade insistindo nos seus efeitos de poder, diz ele: “[...] a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer. Assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder” (p. 14).

A língua, segundo essa concepção, instaura uma cisão. O sujeito conviverá sempre com a divisão entre a consciência e o inconsciente. É o sujeito que emerge na enunciação. Uma enunciação polissêmica, constituída na multiplicidade de sentidos.

O inconsciente, a partir desta leitura, então, não se apresenta como um receptáculo de instintos estáticos determinantes da vida subjetiva, mas como instância de produção subjetiva. Produção de novos sentidos, invenção de novas possibilidades. Invenção muitas vezes ficcional e necessária. As referências inconscientes são marcas necessárias para a produção de novas configurações assim como o conhecimento da língua é indispensável a quem quer falar/ escrever /ler o novo.

A possibilidade de construir novas leituras a partir da inserção do sujeito na língua e de ser este o herdeiro das marcas de uma leitura desejante são aqui

destacadas com a intenção de marcar uma posição diferenciada em relação àquela leitura do inconsciente na qual este se apresenta como uma instância determinante da história subjetiva.

Foucault aponta para essa questão, quando considera a história a partir de um problema colocado no presente que, para sua resolução, necessita direcionar-se ao passado. Um passado entendido diferente da origem embrionária, considerada como “origem baixa”. Lugar do acontecimento, da emergência de novas possibilidades a partir das forças em conflito (RAGO et al., 2002). Podemos acrescentar que essa emergência de novas formas e posições subjetivas pode ser viabilizada pelo dispositivo da leitura e da escrita.

A ampliação do conceito de subjetividade, incluindo não somente o sujeito na sua versão singular, mas os diferentes discursos e políticas atribuídas aos autores considerados pós-estruturalistas. Dentre esses, encontra-se Foucault (1966/1999), pela análise da historicidade e pelo conceito de formação discursiva e Derrida (1967/1995) pela sua crítica ao logocentrismo e à metafísica que ainda predomina em alguns conceitos psicanalíticos. Essa ampliação conceitual é fundamental quando focamos a subjetividade compreendida no diálogo entre diferentes campos do conhecimento e, especialmente, quando buscamos novos recursos e dispositivos de trabalho, como, no nosso caso, a leitura e a escrita.

Os textos escritos sobre histórias de toxicomanias apresentam um processo de reconfiguração subjetiva que inclui a construção do “eu”, a inclusão do leitor e uma ampliação das possibilidades narrativas.

ESCRITA, LEITURA E RECONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS

O ato da escrita retoma e redireciona a questão da alteridade. Escreve-se *para* um outro. Ao escrever, o sujeito produz um endereçamento. A escrita, então, pode ser considerada como um dispositivo que abre possibilidades para reconfigurações subjetivas em relação à leitura desejante acima apontada. Ao escrever, o sujeito poderá estar construindo novas versões de sua posição subjetiva. Machado (1997) assinala que a linguagem, para a Psicanálise, não inclui um projeto de comunicação, mas a necessidade de o sujeito ser reconhecido, significado. A relação com esse outro/Outro reconhecedor é ilustrada pela autora com a metáfora da folha em branco enquanto substituto do corpo do outro. Essa opção certa resistência à mão que escreve. Há aí uma presença que permite o movimento da expressão. A folha, com descrição semelhante à do leitor, permanece calada suportando a escrita. Num outro momento interpela o escritor.

Pela mesma via de argumentação, Marques (2001) coloca o leitor implícito no lugar do outro que permite ao escrevente a rememoração. Afirma o autor: “o leitor implícito sugere ao escrevente o que ele por si não poderia recordar” (p.38). E continua: “Sem a referência ao Outro, não somos nós mesmos, não encontramos nosso lugar...Os motivos que levam a escrever tornam-se, em vez de causas, razões que se explicitam desde a interseção do escrevente e do leitor num mesmo universo simbólico onde se produzem os muitos sentidos do escrever e do ler” (p.39).

Machado (1997) sustenta, ainda, que a simultaneidade espacial da escrita substitui a linearidade sucessivo-temporal da fala possibilitando uma descontextualização discursiva. Fraturas e pontuações no discurso permitem a emergência de uma variedade de leituras que contemplem os atravessamentos de outras leituras.

Novas configurações subjetivas poderão ser possíveis, pela leitura, se considerarmos a polissemia lingüística. Um texto, ao ser lido, é inventado inúmeras vezes. Os novos sentidos criados são decorrentes, dentre outras questões, da posição do sujeito leitor, posição que poderá ser modificada a cada nova leitura.

Conforme Birman (1996), o texto transforma-se em fonte de revelação para o sujeito pela atualização que promove de seus fantasmas. A leitura tem uma dimensão irruptiva, pois desarticula os sentidos instituídos e codificados, entreabrindo a possibilidade para a produção de outros sentidos. Então, podemos afirmar que a leitura constitui um dispositivo para a transformação do sujeito. O ato de ler poderá produzir a modificação de sentidos cristalizados, apontando para novas configurações de sujeito.

Birmam (1996) retoma Barthes e aponta para o momento do reconhecimento no processo de leitura quando o leitor é surpreendido e desarticulado pelo impacto do que lê. É uma experiência de desconcerto do leitor tomado pelo texto que provoca um efeito de suspensão. Afirma Birman: “vale dizer que se considerar os pontos de vista do desejo e do sujeito do inconsciente, pode-se enunciar que é o texto que realiza insofismavelmente o reconhecimento do leitor. Por isso mesmo o efeito da leitura é de desconstrução do eu do leitor, revelando, simultaneamente, a positividade do seu desejo” (1996, p. 57). Já no ato da compreensão o leitor se reordena pela elaboração do sentido impactante, é um momento de reconstrução de seus sistemas de referência.

O ato de ler, como mencionamos anteriormente, remete-nos a uma leitura desejante na qual os sentidos foram produzidos e inventados num constante processo de construção e desconstrução. E é nesse movimento de sentido que o saber inconsciente se produz e transforma.

LEITURA E REMEMORAÇÃO

A rememoração é para Lacan (1954-55) uma das possibilidades de transformação da história subjetiva. Rememoração compreendida como *après-coup*, uma retomada do sentido que virá modificar o acontecimento. Segundo o autor: “o que acontece se no curso da experiência introduz-se um erro? O que se modifica não é o que vem depois, mas tudo o que vem anteriormente. Temos um efeito de *après-coup* – *nachträglich* como o expressa Freud – específico da estrutura da memória simbólica ou, dito de outra forma, da função da rememoração” (p. 278).

Aponta-se, aqui, para uma rememoração que não se coloca na via de um retorno à origem numa perspectiva determinista, mas no surgimento de novas possibilidades de sentido ao modificar e ressignificar o “anterior”. Nesse processo de ressignificação e invenção de outras possibilidades subjetivas, de novos arranjos psíquicos, aventa-se a possibilidade de trabalho com variadas configurações sintomáticas. Neste texto nos centraremos nas toxicomanias.

A COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DAS TOXICOMANIAS

Na literatura psicanalítica, Freud (1930-1981) se refere às toxicomanias situando-as como uma das possíveis saídas para o alívio da angústia, provocada pelas renúncias, a serem realizadas pelo sujeito, em benefício da vida na civilização. Destaca, também, o recurso ao tóxico como um triunfo do princípio do prazer, no qual alivia-se a angústia que as renúncias impostas pela realidade provocam.

Mais recentemente, Sylvie Le Poulichet resgata os questionamentos freudianos e avança algumas respostas. A autora situa as toxicomanias recorrendo ao conceito de operação *farmakon*. Numa ponte entre a literatura e a psicanálise, Le Poulichet (1990) busca em Derrida (1972-1997), uma formalização do tóxico.

Derrida (1972-1997) pontua a qualidade do *farmakon* de ser um remédio e um veneno exercendo um poder de fascinação o qual apresenta-se “benéfico e maléfico”. A escritura é encenação, diz Derrida. O *pharmakon* - droga, remédio, veneno, filtro - fascina, produz efeitos inesperados, inclusive a morte. E dessa morte nasce um mito.

Se tomarmos o mito, a partir da psicanálise, enquanto “mito individual do neurótico” (LACAN, 1978-1980) pode-se afirmar que o mito é uma tentativa de significar a morte. Mito esse que perpassa e é perpassado pela história.

Há a necessidade de uma leitura desejante para haver a produção de um sujeito. Leitura essa que parece apagar-se nos casos de toxicomania. Nas histórias dos toxicômanos encontram-se inúmeras referências a momentos nos quais o corpo parece reger a sinfonia da subjetividade e nos quais o sujeito parece diluir-se no outro, ficando, então, a alteridade excluída.

DO PHÁRMAKON À OPERAÇÃO FARMAKON

Le Poulichet (1990) utiliza-se da propriedade apontada por Derrida (1972-1997) do *farmakon* ser remédio e veneno para construir seu conceito de operação *farmakon* e assim explicar a operação encontrada nas toxicomanias.

O Farmakon não seria, nas toxicomanias, senão o remédio de um sofrimento “insuportável”. Quando fixa-se o inefável numa operação, esse é já um segundo tempo, o momento de uma retirada, produziu-se uma fratura que entregou a palavra e o pensamento ao transtorno de um “corpo estranho” tóxico. (1990. p. 12)

Quando um sujeito consome drogas, ele não pensa nem fala. No ato do consumo o pensamento é eminentemente corporal. A droga vira tóxico, continuidade entre o remédio e o veneno, entre o “benéfico e maléfico”, tendo a propriedade de abolir o antagonismo desses conceitos

Remédio e veneno são as duas faces que constituem o princípio do *farmakon*. Princípio este encontrado em qualquer uso de drogas. Apesar de o princípio do *farmakon* estar presente no uso de drogas, a operação *farmakon* é própria das toxicomanias. É nas toxicomanias que o tóxico constitui um sintoma que permite ao sujeito escapar de uma dor para ele insuportável: a dor da diferença.

O TÓXICO E A DROGA NAS TOXICOMANIAS

É nosso objetivo diferenciar, do ponto de vista psíquico, as toxicomanias de outras formas de uso de drogas. Nas toxicomanias a droga transforma-se em tóxico, assumindo este um lugar particular no psiquismo.

“O tóxico não é a droga” diz Le Poulichet (1990, p. 80) O que pode fazer da droga um tóxico é o lugar que o corpo assume na subjetividade. O tóxico é uma tentativa de estabelecer uma relação de exclusividade com a droga. A autora exemplifica a relação estabelecida na hipnose como uma relação tóxica,

uma vez que nesta o corpo fica diretamente ligado à presença e às sugestões do outro. Se o *farmakon* é remédio e veneno, substância e não-substância, este vira tóxico quando perde-se o “jogo” de alternância entre a presença e a ausência, “jogo” ao qual Derrida (1972-1997) atribui um poder fundamental.

O suplemento de leitura ou de escritura deve ser rigorosamente prescrito, mas pela necessidade de um *jogo*, signo ao qual é preciso outorgar o sistema de todos os seus poderes. (p.8)

Existem toxicômanos que jogam e outros que não jogam. Os primeiros têm, por momentos, a possibilidade de jogar com as letras. Não se trata, neste caso, de fazer funcionar uma máquina, mas de jogar com as palavras, dentre as quais inclui-se a palavra “droga” e “tóxico”.

Mas há os sujeitos que não têm possibilidade de estabelecer esse jogo. Para estes a alternância não se coloca como possibilidade. A droga é continuidade, não há ambivalência. O corpo é instrumento a ser colocado à disposição para um funcionamento no qual nada pode se perder. Corpo e droga são um só. Aos que jogam pode ser atribuída a lógica do suplemento proposta por Le Poulichet (1990), para os que não jogam, a de suplência.

TOXICOMANIAS E ESCRITA

A escrita supõe um leitor, o ato de escrever implica um ato de alteridade. Nossa hipótese construiu-se tendo no horizonte a possibilidade dos dispositivos da leitura e da escrita resgatarem o campo simbólico em sujeitos “dessubjetivados”, nos quais parece haver uma supressão da alteridade. Além disso, esses dispositivos de leitura e escrita, transformam-se em potencializadores da reconfiguração subjetiva.

Precisamos, para isso, acompanhar nos textos a construção do leitor situando o processo de historicização da vida subjetiva. Para conceituar a historicidade recorreremos à elaboração de Marques (2001) o qual aponta para a “capacidade de produzir-se e produzir seu próprio campo simbólico, social e cultural, de constituir-se na constituição de sua história, a sua em geral, e na ruptura com as formas que criou. É o escrever que constitui a escrita em sua função primeira de significante, depois de produtora de sentidos” (p.41).

No nosso trabalho de análise do processo de escrita durante um período do tratamento de pessoas que sofrem de toxicomania encontramos algumas transformações das posições subjetivas que merecem ser mencionadas. Dividimos, para fins de análise, o processo de tratamento em: período inicial, período

intermediário e período final.

Os textos produzidos no período inicial do tratamento apresentavam-se de forma resumida e com pouco valor narrativo. Além disso, os textos são narrados de forma bastante “impessoal”, com pouca ou quase nenhuma implicação subjetiva nas ações e se configuram fundamentalmente como relatos de acontecimentos cotidianos.

No período intermediário de tratamento, os escritos são mais longos e apresentam maior implicação narrativa. Os relatos do cotidiano dão lugar a textos mais introspectivos e autobiográficos, nos quais se percebe a presença do sujeito, antes quase inexistente. Em alguns desses textos há ainda um direcionamento ao leitor.

Textos longos e reflexivos, que contemplam uma certa crítica em relação a ações e acontecimentos cotidianos, são característicos do período final do tratamento. O endereçamento a possíveis leitores aparece com mais força nesses textos. Nesse período, os escritos apresentam algumas marcas lingüísticas nas quais se evidencia a emergência de novas posições subjetivas.

No processo acima mencionado, evidencia-se a emergência da função autor (FOUCAULT, 1976-2001). É essa uma função que vem sendo construída a partir de uma escrita autobiográfica, dando lugar a reconfigurações e invenções de subjetividade. Exemplo disso é a “dessubjetivação” que aparece no período inicial, dando lugar, nesse percurso, a uma maior implicação subjetiva, a uma construção ou re-construção do Eu; a emergência da figura do leitor no texto, que pode ser associada à dificuldade de vinculação que os sujeitos toxicômanos apresentam e a construção de textos de cunho mais narrativo e autobiográfico, marcando a possibilidade de deslocar-se do corpo como forma central de fala, para (re)introduzir maiores possibilidades simbólicas.

WRITING AND DRUG ADDICTION HISTORIES

ABSTRACT

The present article is built from an interface between writing reflections and the subjectivity theme. With this aim, we show an analysis of texts written by people that suffer of drug addiction. In this trajectory some considerations about subjectivity according to Psychoanalysis are developed, also discussing the interlacement between the writing process and the subjective construction. Possibilities of subjectivity inventions having writing as a possible treatment device are also focused on.

Keywords: Writing. Reading. Drug addiction. Therapeutic device. Subjectivity.

NOTAS

- ¹ Doutora em Psicologia. Professora colaboradora do PPG em Letras da UNISC, do PPG em Psicologia Clínica e do curso de Psicologia da UNISINOS.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BIRMAN, Joel. *Por uma estilística da existência*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DJAMBOLAKDJIAN, Sandra Torossian *A construção das toxicomanias na adolescência: travessias e ancoragens*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1997 (Original publicado em 1972).
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Original publicado em 1967)
- LACAN, Jacques. *El seminario de Jacques Lacan. Libro 2 – El yo en la teoría de Freud y en la técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 1980. (Original publicado em 1954-55).
- LACAN, Jacques . *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio Alvim, 1980. (Original publicado em 1978).
- LE POULICHET, Sylvie . *Toxicomanias y psicoanálisis: las narcosis del deseo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. In: BARROS (Org.). *Michel Foucault - estética, literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Original publicado em 1976).
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Original publicado em 1966)
- FREUD, Sigmund (1981). El malestar en la cultura. In: _____. *Obras Completas de Sigmund Freud*. V.III. Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1930).
- MACHADO, Ana Maria Netto. *Présence et implications de la notion d'écriture dans l'oeuvre de Jacques Lacan*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1997.

MARQUES, Mário. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2001.

NUNES, Otávio Augusto. *A representação de subjetividade na escrita de pacientes de toxicomania*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Porto Alegre: UFRGS, 1999.

RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RODULFO, Ricardo. *Desenhos fora do papel: da carícia à leitura-escrita na criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.